

Quarta-feira, 22 de Julho de 1959

RUBEM BRAGA

UMA LEMBRANÇA

A AGORA, que Marlene vem aí, me lembro de uma outra estrêla, esta aposentada, que encontramos uma vez em Paris. Ieda Schmidt dizia que não era quem estávamos pensando. Jules Monnerot garantia que era, sim. Eu achava que, para ser verdadeira, ela deveria ser talvez um pouquinho mais alta e ter os cabelos um pouco mais escuros. Mas quando ela avançou, pelo meio do salão, para a mesa do outro lado, notei suas pernas levemente arqueadas. Era, sim! E estava ali em nossa frente, com aquêlo marido moreno de trinta e poucos anos, marido com cara de brasileiro.

Um homem é um homem e um gato é um bicho; tirei do bolso um caderno e uma caneta-tinteiro, ergui-me («como um só homem» — como dizem os oradores ao falar do povo da pátria invadida ou insultada) e fiz esta coisa que pode ser ridícula, mas é eficiente: atravessei o salão em linha reta e fui lhe pedir um autógráfo.

Contemplei-a um instante, de perto: a boca, os olhos... E aquela boca e aquêles olhos fizeram um sorriso que já foi de Julieta, um sorriso que ainda vive na lembrança de muita gente — cheio de encanto e de simpatia. Baixei os olhos para suas mãos... era impossível negar que as mãos tinham envelhecido; sim, aquêlo dorso de mão confessava cêrca de cinqüenta anos. E ela me devolveu o caderno onde assinara com uma bela e alta letra: Norma Sheerer.